

---

## A CASA COMO LUGAR DE ESTUDO E VINCULAÇÃO: UM ENSAIO SOBRE A CASA TOMBADA

---

THE HOME AS A PLACE OF STUDY AND BINDING:  
AN ESSAY ON A CASA TOMBADA

---

LA CASA COMO LUGAR DE ESTUDIO Y VINCULACIÓN:  
UN ENSAYO SOBRE A CASA TOMBADA

---

*Ângela Castelo Branco<sup>1</sup>; Giuliano Tierno de Siqueira<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este ensaio busca dar a ver a experiência d'A Casa Tombada, um centro educacional e cultural privado sem fins lucrativos, originado em 2015 na cidade de São Paulo/SP, dedicado à formação continuada e pesquisa nos campos da arte, da cultura e da educação, como um lugar de estudo e de vinculação. Em 2020, com a pandemia do covid-19, o espaço físico d'A Casa Tombada foi substituído pelo virtual, e os cursos e encontros tiveram que ser recriados. Esse acontecimento nos permitiu aproximar ainda mais a palavra casa das palavras estudo e vinculação. Ao final deste ensaio podemos afirmar que tais práticas acontecem entre A Casa Tombada (instituição) e a casa de cada participante, por meio do acontecimento chamado "aula". Este ensaio conta com a interlocução de: Luiza Christov, Jorge Larrosa, Oyèrónkẹ Oyèwùmí, Maria Filomena Molder dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência. Estudo. Aula. Casa. Vinculação.

### ABSTRACT

This essay seeks to show the experience of A Casa Tombada, a non-profit private educational and cultural center, created in 2015, in the city of São Paulo/SP, dedicated to continuing education and research in the fields of art, culture and of education, as a place of study and binding. In 2020, with the covid-19 pandemic, the physical space of A Casa Tombada was replaced by the virtual one, and courses and meetings had to be recreated. This event allowed us to bring the word home even closer to the words study and binding. At the end of this essay, we can state that such practices occur between A Casa Tombada (institution) and the home of each participant, through the event called "class". This essay has the interlocution of: Luiza Christov, Jorge Larrosa, Oyèrónkẹ Oyèwùmí, Maria Filomena Molder among others.

**KEYWORDS:** Experience. Study. Classroom. Home. Binding.

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, SP. Fundadora e Gestora da Casa Tombada- Lugar de Arte, Cultura, Educação. **Email:** [acastelobrancoteixeira@gmail.com](mailto:acastelobrancoteixeira@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Artes - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, SP. Sócio-fundador da Casa Tombada [Lugar de Arte, Cultura, Educação]. São Paulo, SP - Brasil. Assessor em Núcleo Técnico de Currículo do Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. São Paulo, SP - Brasil. **Email:** [giulstierno@gmail.com](mailto:giulstierno@gmail.com)

**Submetido em:** 02/08/2022 - **Aceito em:** 24/02/2023 - **Publicado em:** 31/03/2023

## RESUMEN

Este ensayo busca mostrar la experiencia de A Casa Tombada, un centro educativo y cultural privado sin fines de lucro, creado en 2015, en la ciudad de São Paulo/SP, dedicado a la educación continua y la investigación en las áreas de arte, cultura y educación, como lugar de estudio y vinculación. En 2020, con la pandemia del covid-19, se sustituyó el espacio físico de A Casa Tombada por el virtual, y hubo que recrear cursos y encuentros. Este evento nos permitió llevar la palabra a casa aún más cerca de las palabras estudio y vinculación. Al final de este ensayo podemos afirmar que tales prácticas se dan entre A Casa Tombada (institución) y el domicilio de cada participante, a través del evento denominado “clase”. Este ensayo cuenta con la interlocución de: Luiza Christov, Jorge Larrosa, Oyèrónkẹ Oyèwùmí, Maria Filomena Molder entre otros.

**PALABRAS CLAVE:** . Experiencia. Estudio. Clase. Casa. Vinculación.

\*\*\*

## 1. A CASA TOMBADA COMO LUGAR DE ESTUDO

A Casa Tombada é um centro de estudos no campo educacional e cultural, privado e sem fins lucrativos, que teve sua origem em 2015, na cidade de São Paulo/SP, fundada com o objetivo de produzir experimentos de estudos, pesquisas, criações, exercitando formas horizontais e descolonizadoras nas relações de estudo. O foco principal de atuação d'A Casa Tombada nestes anos tem sido a formação continuada de artistas, educadores e profissionais ligados aos campos da cultura, por meio de cursos livres de curta duração, cursos de extensão universitária e cursos de pós-graduação *lato sensu*, em parceria com a Faconnect (Faculdades Conectadas).

Ocupando um imóvel com salas de aula, biblioteca, ateliê de práticas artísticas, espaço expositivo, sala de estudo e reuniões, quintal, jardim e cozinha comunitária, A Casa Tombada oferecia à comunidade uma programação cultural em torno da oralidade e da escrita com contação de histórias, apresentações teatrais, intervenções poéticas, jantares culturais, performances e imersões que ocupavam todo o espaço físico da casa, integrando estudantes e não estudantes. Essas ações aproximavam de um modo explícito as práticas de estudo e de vinculação cotidianamente. Porém, em 2020, a partir da pandemia da COVID-19, A Casa Tombada teve que inventar um novo modo de existência, A Casa Nuvem, plataforma digital.

Como continuar cultivando o estudo e a vinculação de modo virtual? Este ensaio busca fazer pontes entre A Casa Tombada e a palavra casa, aquela em que moramos e passamos a estudar mais a partir de 2020. Nossas casas podem ser lugares de estudo e vinculação?

Desejamos dar a ver o que há numa casa que explicita a sua intimidade com os modos de estudar, investigar, conhecer. Consideramos neste início de texto, no entanto, o artigo indefinido *uma* com o intuito de pensarmos a potência intrínseca das casas (todas) como lugares de estudos e de vinculações entre os seres e seus saberes/fazeres.

É importante ressaltar que a escrita deste ensaio está urdida numa polifonia de vozes das pessoas que têm contribuído para pensarmos A Casa Tombada como um lugar de estudos e pesquisas nos campos da arte, da cultura e da educação.

## 2. DIMENSIONANDO A PALAVRA CASA

Para nos ajudar a pensar a potência d'A Casa Tombada como lugar de estudo e vinculação, evocamos a voz da professora doutora do Instituto de Artes da UNESP, Luiza Helena da Silva Christov, que nos ajuda a pensar a palavra casa como ritual; e a voz do professor de filosofia da educação da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa, que nos ajuda a pensar a palavra casa como um lugar de abrigo às "potências desamparadas" que buscam uma casa coletiva para se vincularem e produzirem suas existências por meio de estudos e pesquisas. Muito de nosso esforço em pensar, sentir e dizer está atravessado pela escrita em voz alta destas figuras que nos acompanham na formulação das bases epistêmicas d'A Casa Tombada e que nos oferecem as suas palavras para compreendermos a palavra casa associada ao estudo.

Podemos entender a casa como um lugar frágil na qual sua etimologia mais antiga está impregnada de uma imagem de abrigo. Uma casa é um lugar. É na casa que moramos e nos demoramos. É nela que concretizamos a nossa cosmo percepção<sup>3</sup> vinculativa com o tempo e com o espaço. É justamente no lugar e no tempo que nos damos conta de estarmos vivos e habitando o mundo. É no hábito, no ritual dos dias que nos vinculamos aos acontecimentos, como nos dá a imaginar Proust (2004, p. 25) em seu *Em busca do tempo perdido*. No caminho de Swann:

O hábito! arrumadeira hábil mas bastante morosa e que principia por deixar sofrer nosso espírito durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, a gente se sente bem feliz ao encontrá-la, pois sem o hábito e reduzido a seus próprios meios, seria nosso espírito impotente para tornar habitável qualquer aposento.

Num primeiro exercício fenomênico, animados pelas imagens sobre o binômio hábito/habitar que nos oferta Proust, podemos entender que o que faz de uma casa uma casa é o teto arqueado e sustentado por quatro paredes que protegem e ritualizam o nosso *encasamento* com o mundo e a nossa vinculação epistêmica:

Rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa. Fazem do mundo um local confiável. São no tempo o que uma habitação é no espaço. Fazem o tempo se tornar habitável. Sim,

---

<sup>3</sup> A socióloga feminista nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí introduziu no debate acadêmico o termo buscando a descolonização do conceito de "cosmovisão" (*Weltanschauung*), que considerou marcado pelo eurocentrismo e por fundamentar-se exclusivamente no sentido da visão.

fazem-no viável como uma casa. Ordenam o tempo, mobiliam-no. (HAN, 2021, p. 10-11)

Se os rituais "ordenam" e "mobiliam" o tempo, "transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa", as casas são casas porque nelas existem rituais de repetição e que afirmam cotidianamente que os que lá habitam estão juntos no mesmo tempo e espaço, como habitantes da mesma casa.

Em 1926, o filósofo Wittgenstein construiu uma casa para sua irmã Gretl. O resultado é uma casa sem precedentes arquitetônicos, dotada de pormenores. Ele diz: "*minha casa é o resultado evidente de um bom ouvido, de boas maneiras, da expressão de um grande entendimento (de uma cultura). Mas falta-lhe a vida originária, a vida selvagem que se esforça por irromper*". (MOLDER, 2021, p. 12)

Em 2015, a exposição *Cabañas para pensar* (MOLDER, 2021, p. 32), com fotografias de casas de filósofos e artistas dos séculos XIX e XX, de curadoria de Eduardo Outeiro, apresenta a palavra casa próxima da palavra pensamento. Segundo o curador, a existência dessas casas se justifica pela busca de lugares onde fosse possível retirar-se do burburinho cotidiano, dos apelos de conectividade da vida moderna em busca do silêncio e da intimidade consigo mesmo. O intuito não era exatamente o de retirar-se para ter concentração para a criação, mas retirar-se para experimentar-se, para pensar a si mesmo. A aposta é a de que no retiro, a intimidade se anuncia.

### 3. A CASA E O ESTUDO

Nos interessa aqui a aproximação entre a palavra casa e o "trabalhar a si mesmo". Ou seja, a vizinhança entre a casa e o estudo, considerando este como uma prática de atenção cotidiana e a dedicação ao risco de se fazer perguntas à própria experiência. Quem estuda nada apreende, domina, ganha ou perde, mas interessa-se ainda mais, doa-se ao que não se sabe, ao mundo, declara seu gosto por ele, assume uma certa inclinação, paixão. Demora-se em algo, mora nos seus interesses.

O estudo não é um jogo abstrato, não está isolado dos pequenos gestos cotidianos, não é separado de onde se está, da morada, do lugar, dos encontros. Nos importa, portanto, pensar quando uma casa adquire a dimensão de lugar no qual o estudo acontece cotidianamente e, nas palavras de Wittgenstein, *a vida selvagem possa irromper*.

Ora, se o estudo é o interesse pelas perguntas, pela prática de nomear a experiência permanentemente, é necessário um lugar em que seja possível garantir em intimidade tais práticas, em que seja possível arriscar novas palavras, novas histórias, novas formas de escrever ao lado de outras pessoas com o mesmo intuito, em confiança.

Um lugar em que se perceba os gestos de dar e receber; um lugar que, com suas paredes ajude os sujeitos a definirem bem os limites entre o interior e exterior; um lugar que tenha portas para se sair e entrar, mas demarcando o dentro e o fora; um teto para dar segurança às intempéries; um lugar que garanta o fogo, seja metafórico ou concreto (no preparo daquilo que se alimenta); um lugar que garanta o íntimo para a elaboração daquilo que se poderá ou não ir ao encontro da vida pública; um lugar que garanta o convívio entre amigos, pois não existe casa sem a presença de amigos. Um lugar poroso para receber pessoas que chegam de modo inesperado. Um lugar para receber os que virão depois de nós. Um lugar em que se exerce a hospitalidade.

Nesse sentido, a casa surge como o lugar de pôr a conversa em movimento, para que cada pessoa que se avizinhe tenha espaço e tempo de realizar o seu modo de praticar, habitar e partilhar a linguagem.

#### **4. A CASA TOMBADA: PRINCÍPIOS, VÉRTICES E VÓRTICES**

Expomos aqui a experiência d'A Casa Tombada por meio de seus princípios, seus vértices e seu vórtice, para que seja possível imaginar a afirmação de todas as casas como lugares de estudos e vinculações.

*Princípios* são as bases para a fundação d'A Casa Tombada, entendidos como os valores fundamentais, a saber: a fé na igualdade das inteligências (RANCIÈRE, 2007); a aposta na *conversa infinita* (BLANCHOT, 2007); estar no exercício do comum na garantia do incomum de cada um, no absoluto singular, no desejo pelo diverso. Princípios esses que podem, também, ser entendidos como as raízes de uma árvore, que se destinam ao profundo, em busca das fontes vitais e do entrelaçamento com outras raízes, seus comunicantes fungos, seu aquecimento magma.

*Vértices* são os convites aos desejos de estudar. São os modos de experimentar o estar junto ao redor de um texto, de uma história, de uma proposição ética, estética, poética, política; é a própria aula, o lugar no qual os gestos, as prosódias, a língua de cada um importam; dito de outro modo, é o que guia o coletivo na compreensão daquilo que ergue A Casa Tombada de maneira sustentável, em apoios precisos. A direção dos vértices - ainda que justapostos assimetricamente arqueados - é para cima, na garantia do teto comum, num oposto complementar dos princípios, como a copa de uma árvore em relação às suas raízes, que busca a luz, o ponto luminoso e que numa simultaneidade consciente não dá as costas à sombra e ao escuro do tempo de sua contemporaneidade. Ainda sobre o paradoxo claro/escuro, os vértices compreendem a destinação da copa da árvore, pois na busca pela luz, hospeda o demasiado luminoso com sua sombra generosa.

Por fim, e não mais ou menos importante, está o *vórtice*. Sim, há vórtices; movimentos fortes, giratórios, turbilhões. É no lugar do estudo e da vinculação que acontece o insuspeito íntimo do encontro de cada pessoa com a sua língua de dizer. É no lugar de estudo e vinculaçãoa, na desproteção de saberes resolutos, absolutos, encarniçados de verdade, que é possível se dar conta de que a língua não coincide com aquele que diz. A narrativa sobre si pode ser desconstruída, rearranjada, inventada, desde as línguas que aparecem, desde os modos de dizer que abrem, na clareira dos acontecimentos, na confiança entre os que partilham aquela morada, outros modos de dizer-se e de dizer o que se vive.

(...) onde quer que homens, mulheres ou crianças se encontrem, sejam velhos ou novos, ricos ou pobres, elevados ou baixos [...] ignorantes ou instruídos, repara-se que todo indivíduo é fortemente movido por um desejo de ser visto, ouvido, comentado, aprovado e respeitado pelas pessoas ao seu redor e de seu conhecimento. (ADAMS apud ARENDT, 2018, p. 29-30)

Lá, é possível perceber-se, colher, escolher, nomear. É nesse lugar, nessa morada, que se percebe a feitura de línguas menores. Quem conhece um lugar de estudo e vinculação sabe que não se pode lutar com o vórtice. A experiência d'A Casa Tombada nos ensina a entrega, para que a voragem, a gagueira, o esboço e o inacabamento sejam mantidos, sustentados para a garantia do tempo nas coisas, pois só o tempo permite a morada num lugar. Um lugar no qual se é reconhecido. Um lugar onde abrigam-se as próprias coisas. Um lugar que garanta a opacidade dos segredos. Um lugar onde se pode viver e morrer em paz.

## **5.A CASA TOMBADA COMO LUGAR DE ESTUDO E VINCULAÇÃO COM OUTRAS CASAS**

Desde o seu nascimento, A Casa Tombada buscou afirmar a sua presença matérica. O encontro com um imóvel antigo e tombado, e a sua transformação em uma casa, se deu pela escuta e recuperação do seu chão de madeira, dos seus tijolos compactos, das janelas em grande escala, dos rastros de memórias sobrepostos nas camadas de tinta nas paredes, das portas de madeira maciças, do teto ornamentado e das maçanetas contundentes.

Era preciso existir uma casa. Era preciso existirmos enquanto casa. Assim, os cômodos foram nos contando como o estudo se daria ali, quais eram as suas vocações. Uma casa com quintal para as esperas, para as conversas de intervalo e as festas, uma cozinha para o antes, o durante e o depois da aula, uma rede para o descanso e o chegar com folga, uma biblioteca para o perder-se e o implicar-se, cadeiras confortáveis para a demora, estantes com materiais à mão, plantas, vasos de flores, escritas na parede para acolher o respiro dos olhos e a necessidade de silêncios. E também uma escada de madeira, curva e com relevos, para nos convidar a nos encontrar com o nosso próprio corpo, degrau a degrau.

Deveríamos pensar um pouco nas escadas. O mais bonito das casas antigas eram as escadas. E vão se transformando no mais feio, no mais frio, no mais mesquinho e no mais mais hostil dos edifícios de hoje em dia. O que isso significa? Não sabemos, mas com certeza não significa algo bom. (informação verbal)<sup>4</sup>

Essa escada na entrada d'A Casa Tombada sempre foi o signo de resistência e uma espécie de farol que nos atribuiu a função de atalaias, de observadores e de propositores permanentes de enunciados que evocavam o convívio ético e estético entre todos os habitantes dela.

A arquitetura sempre atuou no planejamento de nossas ações. Convidava e delineava os encontros. Determinava a quantidade de pessoas presentes, para não abalar o chão de madeira, permitia a invenção de jantares junto com sessões de narração de histórias, imersões poéticas e apresentações culturais, ocupando todos os cômodos da Casa, de rodas de escuta no quintal em que as pessoas presentes possam entrar e sair; livros espalhados por todos os ambientes, , poltronas, almofadas e convites de repousos para escrever e ler em diferentes cantos. Nessa casa era impossível entrar sem ser visto, sem olhar e sentir-se olhado, recebido.

Ao longo do tempo, o projeto/trajeto d'A Casa Tombada foi se desenhando em torno da afirmação da amizade entre a oralidade e a escrita. Uma escrita próxima dos sulcos da fala e uma fala próxima dos riscos da escrita. Os encontros de narração oral foram sendo invadidos por gestos e textos escritos e os ateliês de escrita passaram a não existir sem as histórias orais. E, possuindo como fundamento a palavra viva, tanto oral quanto escrita, as pós-graduações<sup>5</sup> foram se desenhando a partir do questionamento: "O que é preciso ser feito/pesquisado/pesquisado agora?". Ao afirmarmos que trabalhamos com a palavra, abrimos imediatamente os vasos comunicantes entre os campos da narração oral, da escrita, da educação, da cultura, da literatura, da arte, da filosofia, da antropologia, da poesia, da psicanálise. Campos que nos permitem perguntar e querer saber com vistas a uma vida melhor, a uma existência mais diversa, mais exercitável, mais enérgica.

Há habitantes d'A Casa Tombada que frequentam mais de uma pós-graduação ao mesmo tempo. Há habitantes que concluem um curso e ingressam em outro. Cada estudante vai desenhando seu trajeto de interesse ao longo do tempo. Por sua vez, os cursos de pós-

---

<sup>4</sup> Palestra "Palabras desde el limbo" realizada por Jorge Larrosa em 23 de julho de 2015 n'A Casa Tombada.

<sup>5</sup> Os cursos de pós-graduação lato sensu realizados n'A Casa Tombada são: O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação; Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano; Coordenação Pedagógica, Cartografias da Diversidade e das Singularidades na Atuação Coordenadora; A Natureza que somos - filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo; A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias; A caminhada como método para a arte e educação; Gestos de escrita como prática de risco; Saberes Populares para a Arte e a Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos; Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas na Educação.

graduação vão se transmutando também, a cada edição. As pesquisas vão sendo substituídas por outras, por desdobramentos de pesquisas. Os saberes vão se abrindo para o não hegemônico, para a descentralização, para a experiência.

Durante a pandemia, sem os encontros presenciais, demos início ao que nomeamos “A Casa Nuvem”. Cursos à distância, mediados por uma plataforma online, em encontros síncronos. Passamos a entrar na casa de cada pessoa e as pessoas entravam na casa d’A Casa Tombada. A palavra casa passou obrigatoriamente a ser vivida todos os dias. Enclausuramento, confinamento, excesso de visibilidade, falta de tempo e espaço para si, dificuldade em encontrar o silêncio em sua própria casa, roubo da intimidade e, ao mesmo tempo, grande desejo em “*ocupar-se de si mesmo*”, necessidade de apostar em uma vida que se pedia outra.

Como seguir com a exuberância dos encontros presenciais de modo online? De que maneira se operaria essa mudança? Como enfrentar o receio da mediação da tela lisa, do olhar sem rugosidade, da conversa sem o toque, sem a textura dos corpos? Além disso, como ser éticos e assumir que estávamos diante do nada esperar, com medo da morte, sem palavras para o que estava acontecendo, e que se quiséssemos, realmente, teríamos que inventar um presente/futuro?

Os fundamentos d’A Casa Tombada seguiam os mesmos e não possuíamos muitas escolhas em relação à direção do crescimento dos seus vértices. Então, o vórtice se fez presente. Encontramos outro lugar para enunciar as conversas urgentes, por meio de uma geografia inesperada de pessoas. Diferentes territórios de um mesmo país, e de fora dele, foram chegando. Casas e ruas improváveis foram se conectando numa nova cartografia de saberes. Nesse terreno tão diverso, as aulas (agora gravadas) foram se tornando a possibilidade de voltar para a casa e também um material de estudo.

Neste caminho, fomos percebendo a emergência de um’A Casa Tombada outra, uma casa que não era nem a nostalgia da casa perdida, nem a promessa de uma casa que há de vir e que seria, de agora em diante, a nova ordem mundial. Fomos percebendo a possibilidade de uma casa que fosse móvel, uma casa-trânsito, em transmutação, em que seria possível experimentar a presença na distância física dos corpos.

## 6. NUMA CASA FÍSICA OU ONLINE, A AULA É O GESTO DE VINCULAÇÃO

Essa experiência tem nos ajudado a chegar ao grão da relação entre a palavra casa e o estudo. Tem nos permitido afirmar que a aula é a síntese, o nó, o vórtice, a semente da vinculação. Semente esta que germina um duplo constituinte para a entrega, de maneira compartilhada, de quem estuda ao seu desejo de estudar: *a aliança* e *a confiança* no jogo arriscado da linguagem. Aqui, a aula se aproxima da criação do poema. É na aula que a conversa pode respirar. É na aula que o gesto pode irromper o demasiado repetitivo da língua, automatizado, irrefletido, generalizante. E, se consideramos o gesto como aquilo que suspende a intencionalidade prévia, entramos no campo dos afetos, do toque, da suspensão para que algo nos aconteça. A aula como lugar do acontecimento e do acontecido em cada sujeito de linguagem. É na aula que podemos tocar em novas línguas de dizer. É na aula que podemos tocar em nossas próprias casas.

Neste processo de deambular A Casa Tombada pelas casas das diversas pessoas que se vinculam às proposições de estudos d'A Casa Nuvem, entendemos que as casas que se abrem pelas janelas virtuais passam a ser o vórtice das conversas e proposições durante as aulas. Enunciados como: contar histórias de um objeto que se tem vínculo, descrever um lugar da casa em que se escreve, produzir livros a partir de materiais disponíveis em sua própria casa, observar a caminhada de um cômodo para o outro ao acordar, localizar um cômodo ou pontos cegos numa casa; dentre outros enunciados se fazem presentes nesse contexto. Proposições estas disparadoras de formas de estudar e de produzir linguagem integrando o vivido ao movimento intelectual, sensível, criador.

O que nos deu a ler esta experiência a partir da escrita deste ensaio? Uma aula incorporada pela palavra casa, um encontro vinculado à palavra casa, uma conversa encasada se justifica muito mais pelos desdobramentos que produz que pelos conteúdos que acredita manusear. Uma aula, portanto, é capaz de movimentar algo que nos faz querer retornar no dia seguinte. Retornar. Seja para as nossas próprias narrativas, seja para as narrativas do mundo. Retornar para re fazer, re dizer, re ligar. E não seria justamente esse o sentido de uma casa? O de termos para onde voltar?

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Liberdade para ser livre**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. São Paulo: Editora Escuta, 2007
- HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.
- MOLDER, Maria Filomena. **A arquitetura é um gesto. Variações sobre um motivo wittgensteiniano**. Lisboa: Sr Teste Edições, 2021. p. 12
- OYEWÜMÍ, Oyèwùmi. **A invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido. No Caminho de Swann. À Sombra das Moças em Flor**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante. Cinco lições para emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ROCHA, Aline Matos da. **A corporal(idade) discursiva à sombra da hierarquia e do poder: uma relação entre Oyewúmi e Foucault**. Dissertação de Mestrado (Filosofia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018:  
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8955/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Aline%20Matos%20da%20Rocha%20-%202018.pdf>

Revisão gramatical realizada por: Ana Paula da Silva Martins  
E-mail: [anapemartins@gmail.com](mailto:anapemartins@gmail.com)